

mano e a sua maxila de antropoide, seria uma destas formas sintéticas surpreendentes que a paleontologia nos revelou noutros grupos fósseis. Seria lógico supor que êle representa a forma ancestral donde derivou o *Homo sapiens* por uma evolução cujas etapas nos escapam no pleistoceno médio. Encontraríamos assim, no princípio da era quaternária, a dualidade de tipos que não encontramos no pleistoceno médio.

Além disso, a ausência de restos do *Homo sapiens* no pleistoceno médio explica-se: durante êste período, os nossos ancestrados directos não existiam nas nossas regiões, e só as invadiram no último período do pleistoceno, trazendo consigo a sua magnífica civilização; teriam vindo talvez da Asia, especialmente da Asia meridional.

Quando a paleontologia, por falta de dados, era mais simples do que é hoje, admitia-se que um ser hipotético, parente próximo do *Pithecanthropus*, oriundo da Asia, tinha originado o *Homo neanderthalensis* e que êste originava o *Homo sapiens*. Vimos que a segunda parte da hipótese já não é sustentável. E' certo que, *morfologicamente*, os restos do *Pithecanthropus*, descobertos em Java, fornecem um excelente termo de passagem entre os grandes símios e o homem de Néanderthal; mas nada prova, *filogeneticamente*, que a hipótese esteja certa, pois é com os antropoides dessas épocas remotas, e não com os antropoides actuais, que a ligação deve ser procurada e demonstrada, e a falta de documentos nada nos permitiu ainda fazer nêste sentido.

Uma outra concepção consiste em vêr no *Pithecanthropus* um gibão de grande estatura; uma forma gigante prè-histórica; o *Pithecanthropus* seria para o gibão o que o *Megatherium* e o *Glyptodon* são para a preguiça e para o tatú, o que o *Troglodytes* é para o castor, etc. Actualmente é a tese mais admitida. O *Pithecanthropus* não pertence à linhagem do homem.

Actualmente, os antropologistas tendem a crer que o problema da origem do homem encontrará a solução nos países extra-europeus; a Europa seria apenas um lugar de imigração. As recentes descobertas de utensílios em toda a parte do Velho Mundo são tão numerosas que provam bem que o

homem existiu ali desde as épocas mais recuadas (Asia anterior, Sibéria, Índia, China, Egipto, Berbéria e África do Sul). Infelizmente, as descobertas de ossadas humanas são muito mais raras.

Já da América não podemos afirmar nada de positivo.

Há porém um facto extremamente interessante a notar: as diversas raças humanas actuais existem nos seus lugares desde épocas muito remotas. Efectivamente, os crâneos de Wadjak, de Talgai e de Cohuna são nitidamente australoides; o esqueleto de Oldoway é negroide; o crâneo de Boskop parece ser proto-Bushman e o de Bushveldt seria aproximado aos crâneos de Koranas.

*

Em resumo: desenvolveu-se na Europa, durante todo o pleistoceno inferior e médio, um tipo humano absolutamente diferente do actual, com certos caracteres pitecoides, mas merecendo já incontestavelmente o nome de Homem. A interpretação das descobertas conduz-nos a supor que, ao mesmo tempo que êste ser inferior, devia existir algures um outro tipo humano, cujo primeiro testemunho conhecido é talvez o crâneo de Piltdown, e cuja evolução devia conduzir às raças do pleistoceno superior e logo às actuais. E por muito longe que recuemos, não atingimos nunca uma forma antropoide que tenha dado o género *Homo*. Até onde os nossos conhecimentos vão, o homem tem sempre atraz de si o homem. Da mesma forma que o ramo humano, o ramo simio mergulha também nas profundidades do passado, sem que possamos determinar a época em que os dois ramos se unem num só tronco. Porém, com o que sabemos, sabemos que os dois ramos se desenvolveram paralelamente, dividindo-se e subdividindo-se; que numa época geológica muito recuada os dois ramos se tenham reunido, eis o que não podemos duvidar. Esperamos que a paleontologia nos esclareça em breve sôbre êste ponto.

Karl Vogt preferia ser um macaco aperfeiçoado a ser um anjo caído. Uma tal alternativa já não se nos depara. Sabemos que o Homem não é nem um nem o outro.